

O ESTRANHO, A CURIOSIDADE E O NOVO: PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE O ESPETÁCULO INSERVÍVEIS

ROBERT DIAS DOS SANTOS¹; MARIA FONSECA FALKEMBACH²

¹ Universidade federal de Pelotas - robertdias1711@gmail.com

² Universidade federal de Pelotas - Maria.falkembach@ufpel.edu.

1. INTRODUÇÃO

A vida serve pra quê? Inservíveis questiona a ideia de utilidade das coisas e das pessoas no mundo contemporâneo, neoliberal. É uma obra cênica que se reformula diante do contexto, um modo de jogar com a obsolescência dos materiais corporais. Pode ser dança, teatro, intervenção, performance ou instalação. As cenas foram criadas coletivamente a partir daquilo que não tem utilidade: jogos de improvisação, prática de capoeira, samba e brincadeiras. A ideia de que a vida não é útil, de Airton Krenak, guia o trabalho, que busca fazer uma crítica à objetificação da vida e das pessoas¹.

Desenvolvi este estudo, que faz parte da pesquisa sobre a fruição do espetáculo Inservíveis. A obra cênica tem direção de Maria Falkembach e, atualmente, conta com doze bailarinos, que também são intérpretes-criadores, todos integrantes do Tatá – Núcleo de Dança-Teatro, projeto unificado vinculado ao Centro de Artes da UFPel. Fundado em 2009 por Maria Falkembach, o Tatá se constitui como um grupo de criação artística, com foco na produção de obras cênicas para serem apresentadas em escolas e espaços da comunidade de Pelotas e região, tendo como prioridade as escolas públicas.

Dentro desse contexto, a pesquisa tem o intuito de compreender como diferentes espectadores, especialmente em espaços educativos, recebem, interpretam e se relacionam com propostas artísticas que rompem com modelos hegemônicos de representação.

Analiso aqui duas apresentações do espetáculo Inservíveis, em duas ações extensionistas do Tatá, para a alunos e servidores da Escola Estadual de Ensino Médio Areal (no dia 15/05/25) e da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Graças (no dia 30/05/25), ambas escolas públicas. Observei, durante a prática experimental e a roda de conversa pós-espétáculo, que muitos o classificaram como “muito diferente”, “estranho” ou “nunca ter visto algo assim” e, ao mesmo tempo, expressaram interesse e curiosidade pela obra. Esse estranhamento inicial pode estar relacionado à padronização hegemônica presente na cultura atual, marcada por repetições de formatos e conteúdos trazidos pelas redes sociais.

Ao longo do texto, trarei uma reflexão, com base nos áudios gravados e transcritos no momento da roda de conversa, de que aquilo que se afasta do padrão hegemônico tende a ser visto como “estranho” ou “vergonhoso”. Também

¹ Sinopse do espetáculo Inservíveis.

podemos refletir sobre como esse impacto inicial revela não apenas a estética do espetáculo, mas também as referências culturais e sociais de cada espectador presente.



Prática corporal com alunos da Escola Estadual de Ensino Fund. Nossa Senhora das Graças
Foto: Maria Falkembach

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa situa-se no campo da pesquisa em dança, articulada com elementos da autoetnografia. Como afirma Sandra Meyer, a pesquisa em dança não é apenas sobre a dança, mas com a dança, considerando as vivências e reações somáticas do próprio pesquisador como dados relevantes, uma vez que “as reações somáticas do pesquisador são consideradas como dado etnográfico” (Meyer, 2014, p. 1). Já Mônica Fagundes Dantas reforça que a etnografia e a autoetnografia, quando aplicadas aos estudos em dança, ancoram-se radicalmente no corpo e na experiência, pois “a etnografia da dança é única entre outros tipos de etnografia porque é necessariamente ancorada no corpo e na experiência do corpo” (Dantas, 2016, 171).

Esta pesquisa foca nas observações durante as apresentações do espetáculo *Inservíveis* e nos áudios gravados das rodas de conversa com os alunos. Assim, a ação extensionista não apenas compõe o contexto da pesquisa, mas também orienta a forma como ela foi conduzida. Este estudo parte da experiência artística vivida na prática e, seguindo Meyer (2014) e Dantas (2016), entende que tanto as reações do público quanto a experiência e vivência do pesquisador-artista são informações importantes para a construção de conhecimento em dança.

As atividades se estruturaram em três etapas: 1) Apresentação do espetáculo *Inservíveis*; 2) Prática corporal com os estudantes – Realização de experimentações de movimentos inspirados nas movimentações apresentados no espetáculo, proporcionando vivência corporal direta com a obra; 3) Roda de conversa – Momento de ouvir as percepções, sentimentos, interpretações e dúvidas dos alunos, compreendendo o impacto do espetáculo. A conversa foi gravada para servir de base na análise de como o espetáculo é recebido por cada pessoa, permitindo a construção de pesquisas e diálogos dentro do grupo focal. Esses áudios foram posteriormente transcritos e analisados por mim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas cenas específicas da obra coreográfica causam maior estranheza e certa resistência: o Contato-improvisação (um jogo de movimentos de improvisação que explora a relação entre pessoas por meio do toque, peso, gravidade e consciência corporal); os “descartes” nas cadeiras; e o paredão em Canon (o grupo executa uma sequência de movimentos de forma dinâmica e sincronizada). Mas, nem tudo é estranho: muitos dizem que reconhecem o samba, a capoeira e a yoga.

Os alunos deixaram claro que nunca haviam visto algo semelhante, relacionando isso à falta de contato com propostas artísticas. Quando perguntamos quantos já tinham ido a um teatro ou assistido a outros espetáculos, de uma média de 40 alunos, nem 10 levantaram a mão. Isso reforça a importância da extensão da arte na escola pública.

A prática corporal com os estudantes foi realizada com cadeiras de praia (objetos cênicos do espetáculo) e os possibilitou compreenderem, pelo corpo, um pouco da lógica do espetáculo, transformando o estranhamento inicial em rompimento de padrões e tornando-se um convite à curiosidade.



Prática corporal com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Areal
Foto: Maria Falkembach

A roda de conversa revelou que cada espectador interpretou a obra da sua maneira, a partir de suas próprias referências culturais. Isso evidenciou a diversidade de leituras e a influência do repertório artístico individual. Nesses relatos, surgiram perguntas como: “Por que as cadeiras?” “A brincadeira do deboche representa partidos políticos se provocando?” “Por que vocês se sentam de tal maneira nas cadeiras?” “Por que há capoeira e o samba?” “Por que vocês usam roupas tão coloridas?” Também houve comentários, tais como: “Vocês pareciam que estavam incorporados”. “Vocês pareciam um bando de loucos”.

Quando surgiam as perguntas, pedíamos primeiro para a pessoa dizer o que havia entendido, para depois contextualizarmos o que realmente tinha sido pensado para aquele momento. É muito interessante escutar várias interpretações diferentes de uma única cena e refletir sobre como cada leitura é própria de cada pessoa.

Os relatos que chegaram até nós, através dos alunos e professores, indicaram que o “estranho” foi percebido inicialmente como algo fora do esperado.

Acredito que isso ocorre porque a grande maioria da sociedade já tem uma opinião formada sobre espetáculos de dança e de teatro. Quando falamos em dança, muitas pessoas associam ao estilo coreografado, com repetições que todos devem realizar de forma igual. Já o teatro, para muitos, tem como referência principal as novelas da TV Globo.

3. CONCLUSÕES

O espetáculo nos traz a relação entre estranhamento e desconhecido como elemento-chave para despertar curiosidade e provocações reflexivas nos alunos. Depois de assistir e realizar a prática corporal, eles mostram interesse em discutir o que trazemos como tema da obra: a utilidade e objetificação da vida e das pessoas. O “diferente” e o “estranho” carregam a potência de ampliar, em muitos, seus repertórios estéticos, artísticos e críticos.

Essa evidência do despertar vem especialmente do pós-espetáculo, com a atividade prática, em que os alunos deixam o papel de espectadores e passam a ser criadores. Esse é o momento em que expressam corporalmente o que sentiram com a obra.

Na roda de conversa, eles expõem suas opiniões, vivências e entendimentos, trazendo conexões que desenvolveram como espectadores e criadores. A cada apresentação, fica também o desafio para a escola: provocar ainda mais seus alunos a se abrirem ao novo, como forma de romper padrões culturais, estimular a reflexão e o autoconhecimento da diversidade de percepções.

Finalizo com a reflexão que a cada apresentação, a cada feedback, acredito que nós, como elenco, também nos construímos como bailarinos e espectadores. Não saímos da escola com o mesmo estado corporal que chegamos na escola; a gente também se experimenta a cada fruição que vivenciamos. É muito interessante ver as construções que vão acontecendo no elenco a partir de cada apresentação. Trago no texto duas experiências pontuais mas o espetáculo *Inservíveis* continua visitando outras escolas e fruindo novos espectadores.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016. p. 168-183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102272016168>. Acesso em 28 de agosto de 2025.

MEYER, Sandra. Perspectivas autoetnográficas em pesquisas com dança contemporânea. **Antropologia da Dança IV**, v. 4, p. 65-74, 2014.